

JOHN

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

Chego de madrugada a Maceió, vindo do trabalho em Salvador...

Um grupo ótimo em Salvador... Com pessoas especiais e queridas, com momentos muito ricos, emocionantes, e felizes...

Nesses momentos, à tarde, eu lembrara com amizade e gratidão do John...

Com quem eu tanto aprendera sobre grupos vivenciais, com quem eu, de um modo importante, aprendera a facilitar grupos, e com quem eu vivera tantos grupos, e tantos momentos especiais de grupo...

Pego o carro, no estacionamento do aeroporto. E, meio “sonado” e vagarosamente, dirijo-me para casa. Tentando sintonizar o rádio, que estava com a sintonização difícil.

Trabalho cumprido, repouso merecido em breve...

Mais uma vez, o John, da mesma forma, me vem à memória...

Quase que simultaneamente, à sintonia...

No rádio, é Djavan cantando...

Um pouco confuso, e com interferências, demoro um pouco a perceber que ele canta, exatamente, a mesma música de onde tirei um verso para fazer citação na 'apresentação' que o John me pediu, anos atrás, para um livro dele...

Por ser exato, o amor não cabe em si...

Por ser encantado, o amor revela-se...

Assim era com o espanto, eu dizia...

O livro do John chamar-se-ia *Vestígios de Espanto*...

Menciono a 'sincronicidade' por que o John tinha muito a ver com esse tipo de experiência...

Tinha uma abertura muito natural e particular para o insólito, para o *improvável*... Era um tipo de liberdade que o dispunha de um modo especial para a vivência do “todo’ diferente das partes”, e “diferente”, em particular, “da soma das partes” da multiplicidade dos grupos, de suas multiplicações...

Duas características me pareceram muito peculiares ao John.

Esta abertura natural para o *insólito* e *improvável*, bem assimilada à normalidade cotidiana, e sempre enquadrada por um bom humor suave e fino; e uma tolerância virtualmente inesgotável... Pedra fundamental, com ele aprendí, da compreensão e da facilitação de grupos...

Conhecemos o John quando da segunda vinda ao Brasil do Rogers e colaboradores, no Grupo Vivencial de Arcozelo. Trazidos ao Brasil pela ousadia de Eduardo Bandeira.

O staff de Norte Americanos era composto pelo Rogers, o John Wood, a Maureen Miller, Maria Bowen, e Jack Bowen.

O John tinha meio que uma aura mitológica, de sábio. Na verdade, maior depois aprendi, do que a pretensão de sabedoria dele próprio, ainda que ele fosse bastante sábio. Devida, a aura, talvez, a uma aparência singular; quem sabe herdada da ascendência indígena Norte Americana. Alegava-se isso... Mas, a bem da verdade, nada na aparência do John lembrava uma fisionomia de ameríndio. A não ser, talvez, uma pele vermelha, que não era de um "vermelho" de pele de índio...

No grupo, o John, assim como a Maureen, estava em seu ambiente natural.

Aparentemente, mais do que o Rogers, por exemplo.

Eles eram responsáveis importantes pela proposta, e experimentação, com aquele novo modelo de grupos vivenciais. Modelo que em muito, qualitativa e quantitativamente, transcendia ao paradigma dos "Grupos de Encontro".

Movimentavam-se neste novo paradigma de trabalhos com grupo – finamente fenomenológico existencial -- como se estivessem em casa.

Na medida em que esta metodologia de trabalho com grupos atualizava, de um modo importante, o que eles pensavam, em termos de filosofia de vida, e de trabalho.

Tinham vivido de um modo intenso as revoluções culturais dos anos 60. E o que se decantava daqueles tempos, em termos de valores e de disposições, convergia, para eles, naquele tipo de trabalho de grupos.

Em especial uma disposição franca e intensamente experimental, em termos fenomenológicos.

Faziam, na verdade, uma dupla muito boa. Complementava-se de um modo muito bom.

O John mais tranqüilo, a Maureen mais esperta, mais ativa e incisiva.

Na verdade, eram muito amigos, se davam muito bem, e se gostavam.

Tive neles uma matriz de minha formação em Psicologia, na Abordagem Rogeriana, em fenomenologia (ainda que eles não pretendessem ser tecnicamente fenomenológicos...) e nos trabalhos com grupos.

O Grupo de Arcozelo tinha uma ambiência particularíssima...

Além das possibilidades e características de vivência de um grupo fenomenológico existencial de quase duzentas pessoas, durante quinze dias, num recanto maravilhoso -- uma antiga fazenda de café, transformada por Paschoal Carlos Magno num centro desenvolvimento em Arte Teatral --, o grupo trazia uma aura de algo dos grandes festivais, recentemente acontecidos... E o John havia vivido com intensidade aquela época. Por esse motivo, dentre outros, ele permanecia como um fundo essencial do Grupo. Assim como a Maureen.

O Rogers era a grande estrela. Mas não guardava essas características, era até meio *caretão*. Com todas as características aparentiais de um turista idoso Norte Americano, incluídos aí o chapeuzinho e a bermuda brancos, a camisa de estampado colorido, e a máquina fotográfica, claro, pendurada ao pescoço...

Na aparência um bom cidadão americano dos anos 50.

Não era o mesmo no plano das idéias, e da vivacidade pessoal.

Profundamente inteligente, vanguardista, ousado e efetivamente dotado de uma generosidade, uma atenção, e um sorriso enormes. Transformava-se quando falava nas reuniões dos grupos, imbuído sempre de uma presença muito marcante e precisa, mas que sempre conservava a escala pessoal da comunicação.

Arcozelo foi aquela experiência fantástica, e inenarrável. Naquela comunidade, por quinze dias, numa proximidade e compartilhamento muito grandes, com vivências muito particulares e muito intensas, tanto pessoais, quanto coletivas.

Naquele momento o John era meio distante.

Só nos aproximamos mais no ano seguinte, em um grupo também organizado pelo Eduardo Bandeira, em Itapoan, em Salvador, do qual o John era também facilitador, junto com a Maureen. O Rogers não viera.

Neste grupo, o John me falou e convidou para participar do programa de verão deles no CSP (Center for the Studies of the Person), na Itália e nos Estados Unidos. Com atividades naquele verão em Roma, em La Jolla, e em Princeton, em New Jersey.

Nas cecanias de Roma, em Rocca di Papa, o *Workshop on Personal and Social Power*, com doze dias de duração. Era organizado por Alberto Zucconi, e por seu instituto de Roma.

Depois de passar por Lisboa, via Roma, eu chegara ao *Centro per uno Mondo Migliore*, em Rocca di Papa, nas cercanias montanhosas de Roma.

Eu era, então, estudante concluinte de psicologia, em Maceió.

E me esforçava por pertencer àquela comunidade internacional.

A conexão que o John me permitia com tudo aquilo era fundamental. O John era muito dedicado a conectar, e fazer com que as pessoas se sentissem bem e conectadas.

Era fantástico participar de um modo tão próximo e intenso, de um grupo multinacional daqueles, tão particular.

Lembro o Giggia. Um senhor magrinho e “sem vergonha”, que se dizia o dono do Cabaret, onde o grupo se reunia e se divertia, alegre e ruidosamente, depois do Jantar, até a alta madrugada.

Pauline Aarts, uma linda e finíssima cantora holandesa. Lembro-me dela se acompanhando ao violão... Uma música melancólica que falava de uma menina que morria num rio, e aos poucos ia se diluindo, e se fundindo à água, aos peixes, às folhas.

Nunca esqueci a bela melancolia, que misturava Pauline em sua interpretação, a menina e o seu destino, o seu corpo sem vida sendo levado e se diluindo pelo rio, o rio, e sua luz, as folhas caídas, ela transformando-se em folha, e a água esverdeada e turva, atravessada de raios de sol...

Prakash, na verdade Columbus Salvsen, que voltava da vivência de um ano em um ashram na Índia, onde recebera o nome Hindu.

Uma garota da Iugoslávia, que, do meio para o fim do grupo, começou a ficar ansiosíssima, com o pressentimento de que algo de horrível poderia acontecer a sua mãe e a sua família, em sua terra natal (fico arrepiado quando penso no que efetivamente aconteceu na Iugoslávia, anos depois...)... Tentamos, eu, e Prakash, dar-lhe um apoio. Mas, em vão. Ela não agüentou a angústia, e voltou para casa antes do grupo se encerrar...

Lembro uma deliciosa "facção" de auto-declarados 'anarquistas' Italianos. Com quem o vinho, e a festa, a alegria, e a bagunça, estavam sempre garantidos...

Recusavam-se alegremente a falar comigo em Inglês...

Latinos son una familia, he... Diziam marotamente, profusamente gesticulando...

Lembro que uma noite, quando saíamos do *Cabaret do Giggia*, na madrugada, a estrada era tão deserta que caminhávamos pelo meio da pista. O asfalto molhado, o silêncio...

Ouvimos o som melódico de um órgão, atravessando a noite.

Saímos à procura do insólito e inesperado concerto.

Não era música sacra, música clássica,

Era na pequena capela do local onde estávamos.

Procuramos, e entramos.

Era um dos 'anarquistas'. Que seguira à frente do nosso grupo de alegres noctívagos, e que descobrira e se apossara do órgão.

A capela era muito pequena e singela. Mas bela. Com muito mármore branco.

Deitamos no mármore, ali pelo chão...

E ouvimos, por mais umas horas, o concerto de música clássica, cujo estilo tanto contrastava com o da música do *Cabaret*, que acabara então de encerrar suas atividades naquela noite...

Éramos uns vinte e poucos, junto com os simpáticos e farristas anfitriões anarquistas.

Prakash dançava como mulher, e fazia toda uma performance de trejeitos femininos. Mas não era homossexual. Dizia que era uma meditação muito importante, que aprendera na Índia. Na qual um homem se vivenciava por um tempo na condição de mulher...

Lembro um jovem psicanalista austríaco, que terminou o grupo meio desconcertado; um elegante e ainda jovem terapeuta dinamarquês; uma mulher que se dizia fazer parte de uma nobreza europeia -- e que tinha espalhafatosos 'ataques histéricos', literalmente no meio do grupo --; uma jovem senhora israelense, que, num momento de discussão, me instigou a não desistir, quando eu desanimava com as dificuldades da língua... Rindo marotamente quando eu consegui me colocar, não sem alguma agressividade. Lembro-me de Melissa, uma mulher que já tinha passado da juventude, mas que se achava a *Miss do Cabaret*. E, às gargalhadas, se

comportava como tal, nas performances do Giggia, que era o mestre de cerimônias...

Quando a vivência no grupo se encerrava, pela manhã, ou à tarde, o John aparecia de shorts, com uma bola de basquete, convidando para irmos para a quadra próxima, bater uma bolinha.

Apesar de gostar de basquete, e de jogar um pouco, minha habilidade era precária. O John, como todo Norte Americano que se preze, jogava muito bem.

Jogávamos, e conversávamos muito, no calor daquele sol morno.

Terminávamos com umas cervejas no barzinho próximo...

Foi assim que nos tornamos mais próximos.

Entre eu e John isto terminou virando uma prática comum, quando nos encontrávamos. Era uma das formas como atualizávamos os papos. E os papos eram sempre interessados e interessantes, frequentemente profundos, e bem humorados...

Essa era uma das qualidades do John, o bom humor...

Uma vez, em Oaxaca, no México conversávamos, em um pequeno grupo, em cadeiras ao ar livre, no final da tarde.

Cansado da viagem, eu tirava uma soneca, enquanto os outros conversavam.

De repente, um estrondoso trovão, típico do altiplano mexicano.

Acordei, assustado, para ainda ver o John, olhos ao alto, as mãos levantadas, como se dissesse, *vocês não têm respeito, o rapaz está dormindo...*

Assim, batemos bola e conversamos em Rocca di Papa, em La Jolla, em Princeton, no México, em Fortaleza, em Maceió, em Jaguariúna...

Nos Estados Unidos, as atividades eram também com o John, a Maureen, e o Rogers. Mas eram frequentemente com equipes diferentes também.

Eu que participara de atividades radicais no novo modelo rogeriano de trabalho com grupos, no Brasil, e na Itália, não podia me conformar com atividades precariamente concebidas, realizadas, e facilitadas por outras equipes de rogerianos mais tradicionais.

Estava, não raro, indignado, e em choque com os facilitadores daquelas atividades. Frequentemente eu me sentia lesado.

O apoio de John e de Maureen foi fundamental, nesse momento.

Encontrávamo-nos mais nos momentos informais, do que nos programas propriamente ditos.

Encontrávamos nas festas, em particular nas "beach parties".

Tenho uma foto, tirada por Gay, sua esposa naquele momento, numa destas festas, em que estou abrindo uma lata de cerveja de um modo algo desastrado.

O John ria muito desta foto, porque, dizia ele, que eu estava abrindo a lata como o personagem de um comercial da TV, que abria a cerveja rasgando violentamente a parte de cima da lata...

Estas festas com os grupos dos programas eram particularmente alegres.

Preparávamos *barbecue*, cachorros quentes, salgados e doces. Ouvíamos música e dançávamos. Às vezes todos os participantes do grupo abraçados. Era muito especial.

Nos intervalos entre os programas eu era hospedado por Maureen em Encinitas, e desfrutava da alegre comunidade da casa.

De La Jolla eu fui para Princeton, em New Jersey, onde nos encontraríamos mais uma vez em mais um programa vivencial internacional, o *PCA International Workshop*.

Era um momento particularmente difícil para a equipe que se juntara em torno do Rogers naqueles anos.

Eles tinham experimentado juntos, e desenvolvido um paradigma fenomenológico existencial revolucionário de trabalho com grupos. Viveram de um modo muito forte amizades, amores, e conflitos intensos, assim como importantes conquistas...

E estavam, naquele momento, se dissolvendo e se separando enquanto equipe de trabalho. O *PCA International Workshop* seria a última atividade da equipe. E o processo, elaborado naquele *workshop*, não parecia fácil.

O grupo foi uma experiência internacional de comunidade muito rica, na qual podíamos vivenciar as diferenças e as identidades, através das diferentes nacionalidades.

Como cidadãos de nacionalidades diferentes, que se conheciam e desconheciam; e como pessoas, simplesmente, que se tornavam íntimas na vida comunitária, para além das nacionalidades...

Uma experiência muito marcante, na qual, durante doze dias fizemos parte da comunidade do grupo, e da comunidade da Princeton University.

Dos banhos alegres e pueris, bem década de sessenta, nos laguinhos com fontes, defronte dos prédios vetustos; dos restaurantes, dos dormitórios, das “conversas” com os esquilos; da convivência, a partir do pátio do campus, com a sala de trabalho de Einstein, cuja janela, sempre aberta, num dos prédios próximos, todos apontavam...

Quando o grupo vivencial se encerrou, vinte de seus participantes foram escolhidos para serem facilitadores de um grupo vivencial de abertura da *Reunião da Associação Americana de Psicologia Humanista*, que contou com dois mil participantes.

No gramado do Campus da Universidade.

Fui um dos do grupo de vinte facilitadores. E aí, na minha indicação, certamente havia o dedo do John e da Maureen.

Por questão de *privacidade*, digamos, eu tinha saído do dormitório que me tinha sido destinado, ainda durante o *workshop*, para ficar com uma colega num sala

improvisada em dormitório, dormindo no chão, em colchonetes, os lençóis subtraídos aos dormitórios oficiais...

Às vezes nesse dormitório improvisado, sob a batuta irada dos Holandeses, tínhamos até reuniões reservadas das quais não participavam Norte Americanos.

Justamente para discutir a desproporcional participação dos Americanos no Grupo...

Um Canadense chegou a ser injustamente barrado numa dessas reuniões, por ser Norte Americano...

Ou, aí fazíamos reuniões menos políticas, regadas a vinho, acompanhado de queijos, salgados, que um e outro que chegava ia trazendo, e de um pequeno aparelho de som.

No final de semana do grande workshop, já depois do Workshop internacional, permanecíamos ainda no *dormitório*. Como se estivéssemos passando despercebidos, ou como se alguma alma generosa estivesse fazendo *vista grossa* para nossa *clandestina* presença ali, depois do grupo. Inesperadamente, isto parecia o mais provável; enquanto curtíamos o *dormitório*, e aproveitávamos para nos divertir em Princeton.

Para nossa surpresa, permanecemos ainda por cinco dias, enquanto chegavam e se instalavam – nos dormitórios oficiais -- participantes de outros programas.

Para nossa surpresa, e deleite, ninguém nos colocava para fora, como obviamente esperávamos...

Ainda hoje agradeço à alma generosa...

Até que precisamos mesmo partir, e nos despedirmos, e despedirmo-nos da bela e gótica universidade...

No grupo de Princeton surgira entre eu, o John e a Maureen a idéia de publicarmos, em Português, na forma de um livro, alguns ensaios da Maureen, do John, e do Rogers, que eu estava lendo, e me dispondo a traduzir.

Eu traduziria os ensaios para o Português, Maureen sugeriu que acrescentássemos uma parte minha, e publicássemos sob a forma de livro.

Assim nasceu o germe do *Em Busca de Vida*.

De volta ao Brasil, uma amiga e colega de São Paulo, em cuja casa eu ficara hospedado quando lá cheguei, sugeriu a editora.

Entrei em contato, e o projeto foi aceito.

Comunicávamo-nos -- eu, o John, a Maureen, e eventualmente o Rogers -- por cartas.

E eu tocava as traduções dos capítulos deles.

Por cartas discutíamos o título, os capítulos, prefácio, capa, etc.

O John escrevia sempre, tratando dos trabalhos, das possibilidades de trabalho no Brasil, e do processamento do livro.

Para mim, a possibilidade de escrever surgira muito precocemente.

Tenho a nítida impressão de que fui influenciado ainda na infância.

Não sei muito bem nem como, nem por quê. Mas os maiores suspeitos são meus avós.

Minha avó, apesar de não ter nada especial para as letras (tinha para a dança, e para a alegria de viver...) havia sido uma amiga mais jovem do Graciliano Ramos, ainda em Palmeira dos Índios. Eram vizinhos.

Meu avô, bibliotecário, modestamente culto e humilde --... *Vês?! Ninguém assistiu ao formidável enterro de tua última quimera. Somente a ingratidão esta pantera...* eu lia, tentando entender, do Augusto dos Anjos, numa folha de papel por debaixo do vidro de seu birô... -- tinha festejados intelectuais na família.

De modo que creio ter recebido deles a influência precoce.

Certamente mamãe, também.

Eu gostava das redações, e composições (nunca gostei de "Ditados"),

Me achando...

Mas fui também enormemente influenciado, no sentido da escrita profissional, pelos ensaios de John e de Maureen sobre grupos, e sobre a abordagem rogeriana, que eu lia naquele tempo.

O modo informal e apaixonado como escreviam. A vontade de falar coisas em seu próprio nome... A pouca consideração com o formal tradicional. Mas um compromisso profundo e radical com a inspiração... Com a criatividade...

Desde esse tempo, com a minha parte no *Em Busca de Vida*, eu desenvolvi a atividade, e o prazer da escrita profissional, integrando as influências que eu recebera na infância com as influências que eu recebia de John e de Maureen naquele momento.

Encontramo-nos depois em Pirassununga, em São Paulo, num grupo vivencial de longa duração, promovido por Rachel Rosenberg.

Aí conheci muita gente da comunidade de interessados na abordagem rogeriana que até então eu não conhecera.

Logo em seguida, veio o Fórum Internacional da abordagem rogeriana, em Oaxtepec, no México, organizado por Alberto Segrera.

Era inesperado, mas, vindo das experiências de Arcozelo, de Itapoan, de Roma, de La Jolla e de Princeton, eu me sentia muito integrado com John e com Maureen...

Neste momento o *Em Busca de Vida* era recém publicado, e nós celebrávamos alegremente o projeto gerado em Princeton...

De minha parte, foi a última vez que vi o John e a Maureen juntos, como os 'amigos de fé irmãos camaradas', como eu os entendera desde Arcozelo... Encontrei-os depois, mas sempre separadamente... Pareceu-me que chegaram até a se estranhar em alguns momentos, e a se reconciliar...

E, profissionalmente, em termos da amizade deles, e dos projetos que eu sentia que podíamos desenvolver, eu tinha uma enorme sensação de "orfandade".

Não podia entender por que, com tantas possibilidades, aquela equipe do Rogers se dissolvera. E por que agora o John e a Maureen tendiam a se afastar.

Naquele momento, em Oaxtepec, era como se brilhasse, com o livro, um projeto que não fora explicitado, mas que se desdobrava efetivamente.

Depois do México só encontrei-os separadamente, e isto me dava a sensação de desalento e orfandade.

No México, paralelamente ao encontro oficial, um grupo de Latinos Americanos, do qual participei ativamente, discutiu as possibilidades e limites da Abordagem na região.

E criou o Encontro Latino da ACP.

Mauro Amatuzzi, Jaime Doxsey, que também participavam do grupo Latino, e eu, ficamos encarregados de organizar o primeiro Encontro Latino no Brasil. Depois, Luiz Henrique Sá juntou-se ao grupo.

Posteriormente, realizamos de modo bem sucedido, o primeiro Encontro Latino da ACP, em Petrópolis.

Nessa época eu já morava em São Paulo, e ia freqüentemente ao Rio.

As primeiras reuniões do primeiro Encontro Latino foram realizadas em meu improvisado apartamento de São Paulo.

O John se manteve afastado de tudo isso. Mas já teve uma participação quando da organização do Encontro Nordestino.

No Encontro Latino, em Petrópolis, começamos a discutir as possibilidades, e a viabilizar o Encontro Nordestino da Abordagem Rogeriana.

Depois do Encontro de Petrópolis, eu e John facilitamos um grupo juntos em Fortaleza. E o John participou de reuniões de discussão do Encontro Nordestino, sob a especial hospitalidade da casa de Virgínia Moreira.

A idéia ficou em seguida um pouco parada.

Até que Iaraci Advíncula, e um grupo de Recife, tomaram a iniciativa de organizar, em Gravatá, o primeiro Encontro Nordestino da ACP.

O John manteve-se distante desses Encontros.

Mas aproximou-se visceralmente do Brasil, ao casar com Lucila, e virem morar na Estância Jatobá, em Jaguariúna. Perto de Campinas.

Por volta desse período eu traduzia dele o *Vestigios de Espanto*.

E encontramos-nos em Jaguariúna para revisar, e dar acabamento no livro.

De certa forma, eu estava contrariado, porque, depois do *Em Busca de Vida*, eu achava que deveríamos fazer um esforço mais sistemático de teorização do modelo de trabalho com grupos que estava então se desenvolvendo.

Comecei a escrever nessa direção.

O livro do John ia em outra direção, constituindo-se como uma coletânea de histórias psicológicas.

Algumas vezes pude desfrutar da hospitalidade amiga de John e de Lucila, em Jaguariúna.

Como sempre, jogávamos basquete na quadra, conversávamos longamente.

Quando conversávamos íamos fundo, e conversávamos por muito tempo.

Apesar de conversarmos muito sobre abordagem rogeriana, os temas eram livres, e variavam enormemente. Podíamos conversar sobre o último atentado na Chechênia, sobre as relações dos EUA com a América Latina, sobre o Brasil, ou sobre coisas de grupos ou da abordagem rogeriana...

O início era, sempre, meio randômico, como nos grupos.

Mas o papo evoluía progressivamente, e ganhava em intensidade e profundidade.

John era muito inteligente e perspicaz. Tinha uma originalidade muito grande, um modo muito particular de pensar, e abordar a realidade. E era especialmente bem humorado. Apesar de muito discreto.

Eu morava em São Paulo. E ele era sempre uma referência em Jaguariúna.

Quando lá eu ia -- em geral depois de dar aula em Itatiba, ou Campinas --, pegava o ônibus na Rodoviária de Campinas, e ia até a Estação Rodoviária de Jaguariúna. E eles me pegavam de carro. Na volta eles me traziam até a Rodoviária de Jaguariúna. Ou até Campinas.

De uma das últimas vezes em que estive na Estância Jatobá, eu chegara há um dia ou dois de Maceió. Passei por lá o final de semana, e na Segunda Feira eu retornaria a São Paulo.

Na volta, da Rodoviária de Campinas, liguei para a minha família em Maceió.

Soube, então, que as dores de uma suposta bursite que minha mãe vinha sentindo eram devidas, na verdade, a um tumor no intestino e fígado. E que no dia seguinte minha mãe chegaria a São Paulo para tratamento...

Fiquei transtornado.

E caminhei a esmo, por horas, por ruas de Campinas que eu nem conhecia.

Ainda acalentando a esperança de que o tempo houvesse entrado por um atalho errado... E de que ainda pudesse ser revertido...

Mas eu precisava voltar para onde eu não queria.

Eu precisava voltar para São Paulo...

Volta que era tão diferente de todas as outras...

E que tinha, como retorno a realidade, um peso enorme de incerteza, e muito amargor.

Minha mãe, meu pai e uma irmã chegariam no dia seguinte, e eu precisaria tomar umas providências. Falei com John ainda, pelo telefone, e comentei a situação.

De volta ao meu apartamento chorei da hora que cheguei ao momento da manhã em que a prestativa namorada veio me apanhar para irmos ao aeroporto.

Foram quinze dias muito difíceis, e dolorosíssimos, em São Paulo.

Do quarto do hospital, na madrugada, enquanto minha mãe e minha irmã dormiam, eu contemplava a ascensão iluminada da Augusta, o relógio em cima do Conjunto Nacional... E sabia que daquele quarto eu iria para Maceió. E que abruptamente eu estava me despedindo de São Paulo. Da vida que eu sabia, e queria transitória, mas tão rica, e da qual eu tanto gostava...

Eu pensava que o processo de minha mãe ainda demoraria. E que eu estaria com ela em Maceió.

Voltamos juntos com minha mãe para Maceió.

E minha mãe faleceu três dias após retorno.

Minha vida tomou então rumos radicalmente diferentes.

E eu tive mesmo que me direcionar cada vez mais para Maceió.

E me afastar de São Paulo...

Enquanto isso, eu finalizava o *Grupo - Fugacidade, Ritmo e Forma*, publicado um ano depois.

John fez a 'apresentação'.

E surpreendeu-me com o comentário de que estava impressionado com a quantidade de possibilidades que o livro abria.

Por um tempo ainda, eu continuei transitando entre São Paulo e Maceió...

E reinstalou-se progressivamente a distância que era típica na amizade da gente.

Falávamo-nos de vez em quando, por telefone, ou por e-mail. E encontramos, algumas das vezes em que estive em São Paulo, e em que pude ir a Jaguariúna. Encontramo-nos, ele e Lucila, no Encontro da ACP do Centro Sul, em Petrópolis...

Mas, de fato, o meu ponto de equilíbrio se deslocara para Maceió, onde eu restabeleci minha vida pessoal e profissional, trabalhando em Maceió e outras cidades do Nordeste.

John foi mergulhando na vida e no trabalho com Lucila, em Campinas, e Jaguariuna.

Como sempre, das vezes que estive em Jaguariúna, desfrutei da hospitalidade e da amizade deles.

Havia uma paz e beleza muito grandes na Estância.

A casa sempre ornamentada com os trabalhos da arte de Lucila.

Eles transmitiam integração e harmonia, uma relação madura e afetiva.

Logo no início ele me confidenciou que fazia muito tempo que não se apaixonava...

Davam bem a impressão de terem, juntos, uma vida feliz, de bom gosto e qualidade.

Das últimas vezes que conversamos o John estava metido em programas ecológicos, para os quais se mobilizava de um modo particular.

Ligou um dia para mim...

Estava calmo, leve e jovial.

Deu-me a impressão de que não tinha um assunto específico. Queria só conversar...

No início eu tentei falar em Inglês, como frequentemente fazíamos... Mas ele insistiu em falar em Português...

Falou dos trabalhos na Estância em Jaguariúna... Da última viagem aos Estados Unidos, e de uma série de assuntos assim...

Despediu-se alegre e normalmente como sempre. E, como sempre, eu asseverei que iria procurá-lo, assim que fosse a São Paulo...

Num Congresso que houve da Abordagem Rogeriana, em João Pessoa, pouco tempo depois, uma colega me falou de que o John estava muito doente, e praticamente terminal...

Eu fui pego completamente de surpresa, e fiquei desorientado.

Ele não me falara nada, nem eu desconfiara.

Como muitos, eu não imaginava que o John pudesse morrer assim tão logo.

Guardava dele a nossa última conversa ao telefone...

Mas a informação era segura...

E a ficha começou a cair.

Com o tempo, entendi que o John ligara para se despedir.

E, bem ao seu modo, se despedira, deixando para mim uma imagem tranqüila, leve, bem humorado e jovial...

Fizemos alguns trabalhos juntos. Vivemos momentos de camaradagem alegre, de muita, e desinteressada e despropositada, conversa. Apenas pela alegria dos assuntos, e pela alegria de conversar.

Mas nunca entendi muito bem por que o John me escolhera como amigo.

Naturalmente isso não era nenhum mérito.

Não o era em si, por um lado; e o John era uma pessoa que fazia amizades facilmente, e tinha uma legião de amigos.

Para mim, foi uma amizade preciosa e rica.

Porto incomum, de aprendizagens incomuns...

Do final da graduação, ao exercício da profissão, a amizade com John foi um porto seguro de inteligência, lucidez, bom humor, bom astral, abertura para o equilíbrio do mundo, para o incomum, visto de um modo simples.

Um porto seguro de amizade...

Sou profundamente grato pela dádiva, por sua generosidade, e pela generosidade de ser do John.
